

DUALIDADE NO ENSINO E A ESCOLA COMO VETOR DE EMANCIPAÇÃO NA VIDA DOS ESTUDANTES

CAETANO, Felipe Tavares¹
SANTANA, Evelyn Maria Pereira²
PIMENTEL, Camila Lisardo³
ZAMPROGNO, Tainá⁴
PAIVA, Jair Miranda de⁵

Resumo: Este trabalho apresenta uma análise inicial sobre a dualidade na educação no Ensino Médio e como isso interfere na formação dos alunos tanto no que se refere a formação intelectual, quanto na sua formação humana. Para isso, trouxemos como ponto de discussão o documentário “Pro dia Nascer Feliz”, e direcionamos nosso foco para o trecho de uma aluna que narra sua vida antes e depois da sua passagem pela escola. Usamos como principal suporte teórico para análise do documentário, o livro “Em Defesa da Escola: uma questão pública”, dos autores Jan Masschelein e Maarten Simons. Conclui-se que a Escola, da forma como é proposta e idealizada pelos autores, é sim um ótimo modelo e vem para romper com uma ideia de escola unilateral e extremamente hierarquizada, que realmente coloque o aluno em uma posição favorável para o aprendizado. Apontamos também que para tal, é preciso que mudanças externas a Unidade escolar aconteçam, afim de favorecer a permanência desses alunos.

Palavras-chave: Igualdade; Educação; Transformação; Escolar.

Introdução

A educação é um dos pontos mais importantes a serem tratados quando falamos sobre a construção de uma sociedade que busca crescer e se desenvolver em todos os aspectos, sejam eles, individuais ou coletivos. O que é válido ressaltar é que mesmo sabendo que este ponto é um dos mais fortes a serem estruturados para que essa mudança aconteça, ainda podemos observar que ele é um dos mais negligenciados.

Nos dias de hoje, vemos um crescente nas discussões sobre como mudar o rumo da educação no país, porém, como aponta a professora Celsa, uma das professoras que aparecem no documentário ao qual iremos analisar, o professor perdeu a dignidade, e nas palavras dela mesma: “[...] *O estado ele deixa tudo muito,*

¹ Graduando do curso de Pedagogia do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: felipe.caetano@edu.ufes.br

² Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: Evelyn.m.santana@edu.ufes.br

³ Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: camila.pimentel@edu.ufes.br

⁴ Graduanda do curso de Pedagogia do Centro Universitário Norte do Espírito Santo. Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: taina.zamprogno@edu.ufes.br

⁵ Doutor em Educação, docente no Programa de Pós-graduação em Ensino na Educação Básica, CEUNES, UFES. E-mail: jmipaiva@gmail.com

jogado sabe? Não tem ninguém ali pra falar, olha, mas você tá dando essa aula e tal, como é que tá sendo? Maquia-se muito as coisas [...] tá todo mundo cansado de ouvir quais são os problemas da educação, mas ninguém faz nada.”

Assim, podemos perceber pelo olhar de uma docente quais são algumas de suas inquietações, sendo parte delas, referentes a como os órgãos responsáveis por uma gestão de qualidade da educação, deixam que a mesma passe por um processo de sucateamento, ou até em alguns casos, colaboram para que esse processo aconteça.

Mais adiante, temos a fala de uma outra professora, a Prof.^a Suzana, que aponta que a escola que nós temos hoje, é uma escola ultrapassada e que precisa ser repensada, pois da forma como ela está, já não cumpre mais o seu papel.

Desta forma, queremos trazer para a discussão como podemos pensar uma educação que auxilie nos processos emancipatórios e que contribua para o crescimento autônomo dos estudantes, dando-lhes a oportunidade de se formarem cidadãos críticos, que desenvolvam seu lado intelectual tanto quanto os outros aspectos de sua formação.

Este trabalho se divide em três partes: na primeira, trazemos um pouco a dualidade do ensino médio no Brasil, apontando para sua necessária superação; na segunda parte, destacamos o papel de emancipação da escola para, na terceira e última parte, analisamos cenas do filme “Pro dia nascer feliz”, com a intenção de articular os dois conteúdos anteriores, defendendo, com Masschelein-Simons (2014), que a escola é lugar de construção do comum pela *skholé* igualitária (tempo livre), suspensão e profanação.

1 Dualidade estrutural e o ensino médio no Brasil

O Ensino Médio é a última etapa para conclusão da educação básica de caráter obrigatório. É de responsabilidade do Estado garantir vagas suficientes para atender à demanda de alunos que concluem o Ensino Fundamental. Segundo prevê a Constituição de 1988, no Art. 211: “[...] os Estados e Distrito Federal atuarão prioritariamente no Ensino Fundamental e Médio”.

O chamado novo ensino médio obteve uma diferenciação na sua estrutura curricular pela lei n° 13.415/2017, que alterou a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que abre à escolha dos estudantes sua formação técnica e

profissional, intitulado “itinerários formativos”; as redes de ensino terão autonomia para escolher quais serão ofertados na instituição, com o intuito de aproximá-los de suas realidades. A escolha do estudante será auxiliada por discussões sobre as ofertas disponíveis e por meio de construção do chamado projeto de vida, baseado nos anseios do estudante para seu futuro.

No Brasil, em geral, a educação é historicamente relacionada, mesmo que de forma indireta, para a divisão de classes. Podemos observar isso diariamente dentro de salas de aulas. As escolas têm padrões de qualidade muito desiguais. Sendo assim, a escola pública vem servindo unicamente para a formação de jovens para o trabalho manual e braçal, ao contrário, das escolas feitas para as elites, formadas para comandar impérios, administrar empresas e trabalhos que envolvem o lado intelectual. Entretanto, o que é pretendido ao reconhecer este espaço atual escolar como um espaço de reafirmação das desigualdades é a ruptura dessa realidade, como mostra Frigotto:

A escola ao explorar (...) as contradições inerentes à sociedade capitalista é ou pode ser um instrumento de mediação na negação dessas relações sociais de produção. Mais que isto, pode ser um instrumento eficaz na formulação das condições concretas da superação dessas relações sociais que determinam uma separação entre capital e trabalho, trabalho manual e trabalho intelectual, mundo da escola e mundo do trabalho (FRIGOTTO, 1989, p. 24).

Neste sentido, apontamos que a escola deveria exercer um papel de superação da luta de classes existente na sociedade, de emancipação, e desenvolvimento da autonomia, porém, ela tem reproduzido constantemente a ideologia dominante. Assim, seguindo a tese da escola dualista, proposta por Durkheim em 1940 na França, a ideologia do proletariado não encontra eco nas escolas, não sendo possível uma reversão ou contra hegemonia a partir desse espaço. A inculcação da ideologia hegemônica produz, assim, a marginalidade e a subserviência da classe trabalhadora. O ensino superior segue afastando as classes populares, mantendo esse privilégio apenas para a elite, enquanto para os trabalhadores restaram apenas o ensino tecnicista voltado para a rápida inserção no mercado de trabalho - o que não quer dizer que o ensino técnico é ruim, de forma alguma, mas tê-lo como única opção, sim, é um fator negativo. Como aponta Nascimento:

O alto grau de seletividade da organização escolar brasileira impunha a bifurcação dos caminhos escolares após o primário: a via para o ‘povo’ por meio das escolas profissionais, e a via para a ‘elite’ através das escolas secundárias. Nestas havia uma quantidade grande de

alunos que não conseguiam concluir o ensino devido ao rígido sistema de avaliação, imposto pelo sistema como forma de controle (NASCIMENTO, 2007, p. 81).

Desse modo, percebe-se que é necessário utilizar de possibilidades de rupturas com a dualidade estrutural na educação, tendo em vista o papel da escola, pois se a escola reconhecer que ainda é reprodutora das desigualdades das quais ela é acusada, viabilizará a mudança para o seu real papel que, como apontado por Masschelein e Simons, é o de apresentar um espaço de igualdade.

É imprescindível, ainda, que os educadores sejam agentes de tensionamento e mobilização a partir da escola, além de dialogar com a classe trabalhadora como instrumento metodológico capaz de promover a leitura crítica de mundo e uma educação cuja norma de excelência seja própria dela, a partir de sua concepção do mundo. Assim, devemos lutar pelo empoderamento das classes trabalhadoras e dos profissionais da educação como intelectuais orgânicos.

2 A escola como vetor de emancipação e transformação

A proposta da nossa análise é de, a partir da dualidade do ensino, não só no Ensino Médio, mas na educação como um todo, apontar o papel do professor e da Escola como vetores de emancipação, de direcionamento para a construção da autonomia e liberdade no que se refere ao desenvolvimento intelectual dos estudantes.

A partir daí, analisamos, como, atualmente, áreas de destaque na construção de uma sociedade moderna são cada vez mais tomadas pela elite intelectual, e pouco abertas para as camadas mais baixas socialmente falando. Não se dá tanta ênfase ao ensino de determinados temas, de forma mais aplicável na vida cotidiana, e isso muitas vezes acaba nos afastando de possíveis áreas de interesse, e que talvez fossem as áreas pelas quais nós nos destacaríamos. O ensino de disciplinas como matemática e física, por exemplo, é feito de formas pouco conectadas com a realidade dos estudantes, e isso de certo modo, torna difícil a visualização por parte dos alunos, da real utilidade que esses conteúdos terão em suas vidas, conforme D'Ambrósio (1986) aponta:

Mas é efetivamente com Platão que a importância da Matemática como um dos pontos focais do sistema educacional se consolida. Seu papel no sistema educacional é duplo: essencialmente propedêutico, e também possibilitando selecionar as melhores mentes. Mas tudo leva

a crer que pouca atenção foi dada em gerações futuras ao primeiro aspecto, em que muito claramente Platão colocou a prática matemática como acessível, e mesmo natural, para todos, prevalecendo o segundo aspecto, qual seja a elitização intelectual através da Matemática (D'AMBRÓSIO, 1986, p. 36).

Portanto, fica evidente que a matemática, por exemplo, é sim, uma área acessível, e até mesmo inerente ao ser humano, visto que a usamos mesmo antes de ter qualquer conhecimento teórico que nos contextualize dentro de seu ensino acadêmico.

Assim, apresentamos a escola como um lugar de igualdade, suspensão, profanação, como nos trazem os autores J. Masschelein e M. Simons, na obra “Em Defesa da Escola: uma questão pública”, que usaremos para validar teoricamente nossa análise do documentário “Pro dia Nascer Feliz”.

3 Pro dia nascer feliz: uma escola que faça viver

O documentário em questão, “Pro dia Nascer Feliz”, é de origem brasileira, lançado no ano de 2006, sendo ele o segundo longa-metragem do diretor João Henrique Vieira Jardim, com 89 minutos de duração. O documentário foi premiado em três categorias distintas no Festival de Gramado, Prêmio Especial do Júri, Melhor Filme Júri Popular e Melhor Música.

Nele são apresentadas algumas escolas brasileiras, apontando suas diferenças sociais, econômicas e culturais, sob a ótica das múltiplas realidades que constituem a Escola, do ponto de vista da instituição, do aluno, do professor e da família.

Inicialmente, apresentamos então, a escola como um lugar de *suspensão*, ou seja, um ambiente em que, por algum espaço de tempo, o mundo externo é colocado em pausa, e não deve ter qualquer tipo de influência, que não seja servir de base para os estudos. Conceitualmente falando, os autores dizem que:

[...] o mais importante ato que a ‘escola faz’ diz respeito à suspensão de uma chamada ordem desigual natural. Em outras palavras, a escola fornecia tempo livre, isto é, tempo não produtivo, para aqueles que por seu nascimento e seu lugar na sociedade (sua ‘posição’) não tinham direito legítimo de reivindicá-lo. Ou, dito ainda de outra forma, o que a escola fez foi estabelecer um tempo e espaço que estava, em certo sentido, separado do tempo e espaço tanto da sociedade (em grego: polis) quanto da família (em grego: oikos). Era também um tempo igualitário e, portanto, a invenção do escolar pode ser descrita como a democratização do tempo livre (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 17).

Desse modo, eles trazem a escola, como um local onde deve-se debruçar sobre o tempo livre, o chamado “Tempo do Ócio”, que seria o tempo onde os pares se dedicariam apenas aos seus estudos, ao conhecimento. Esse tempo é fundamental, visto que nossa sociedade não provê esse tempo fora dos muros da escola, ou melhor dizendo, não provê para os alunos de classes mais pobres. Os mais abastados, porém, podem inclusive, ‘comprar’ esse tempo, visto que não precisam exercer outras funções extraescolares, como muitos alunos de escolas periféricas, que precisam trabalhar para ajudar na renda familiar; então o tempo livre na escola, a *Skholé*, é indubitavelmente um fator decisivo na construção e na tentativa de igualar os conhecimentos e a vida. Isso nos leva a um outro conceito abordado pelos autores, a *profanação*.

Os autores abordam a *profanação*, sendo o *tornar comum*, como forma de mostrar que a escola deve prover todo tipo de assunto, conhecimento, temas, deixar tudo às claras, não esconder nada, deixar que se questione tudo, para que se produza os saberes, e todos possam saber de tudo. Segundo os autores:

Um tempo e lugar profanos, mas também as coisas profanas, referem-se a algo que é desligado do uso habitual, não mais sagrado ou ocupado por um significado específico, e, portanto, algo no mundo que é, ao mesmo tempo, acessível a todos e sujeito à (re)apropriação de significado. É algo, nesse sentido geral (não religioso), que foi corrompido ou expropriado; em outras palavras, algo que se tornou público (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 25).

E, assim, culminamos no ponto em que a igualdade, pode começar a aparecer. Por mais que a escola seja alvo de diversas acusações, os autores são categóricos em dizer que a escola é o cenário de desenvolvimento humano, melhor constituído dentre todos os outros âmbitos sociais, quando se trata principalmente deste tópico, o da *igualdade*. Assim, os autores apresentam a escola como o lugar onde a igualdade é exercida de forma plena. A igualdade no ambiente escolar é caracterizada por eles como:

Na verdade, talvez não haja nenhuma invenção humana mais habilitada em criar a igualdade do que a escola. É exatamente no (re)conhecimento disso que o sonho da mobilidade social, do progresso social e da emancipação – que, em todas as culturas e contextos, tem sido radicado na escola desde a sua invenção – é nutrido. (Re)conhecer essa função também explica nossa duradoura fascinação pelos inúmeros filmes feitos desde o nascimento do cinema que retratam a escola e, particularmente, o professor como agentes capazes de ajudar os alunos a escaparem de seu mundo da vida e de seu (aparentemente predestinado) lugar e posição na ordem social (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 42).

Olhando por essa ótica, gostaríamos então, de trazer um trecho específico do

documentário “Pro dia Nascer Feliz”, e o colocar sob a perspectiva do livro de Masschelein e Simons, em que o escopo é o de como a escola, o escolar, são fatores que podem definir drasticamente o futuro dos alunos que por ali passam. A cena que gostaríamos de analisar é protagonizada pela aluna Keila, uma estudante aparentemente mais quieta, o tipo de aluno que não traz grandes mudanças no ambiente escolar à primeira vista, que conclui o que lhe é proposto, mas que deixa transparecer uma grande falta, falta essa no sentido de que lhe falta algo e ela, ao longo de sua participação no documentário, demonstra isso em suas falas.

Em um dos trechos do documentário, a aluna Keila relata como é o seu dia a dia, e nesse momento conseguimos ver um pouco mais de sua vida, sua casa, nota-se que ela vem de uma família humilde, de um bairro claramente mais pobre. Ela relata como se sente sem um propósito, expõe como sua rotina a vem deixando cada vez mais imersa em um mundo completamente fechado; em uma de suas falas ela diz: *“Antes eu chegava da escola, deitava na cama e ficava o dia inteiro dormindo, só tomava banho, comia e dormia de novo. Comia até deitada na cama, porque pra mim, seria a solução dos meus problema... Morrer. Seria mais fácil o caminho”* (Keila, Pro dia nascer Feliz, 2004).

Nessa fala vemos um pouco como é a vida dessa jovem sem um objetivo, sem algo que tome sua atenção, desperte seu interesse. Nesse momento de total melancolia, ela enxerga somente a morte como uma solução para os seus problemas. É relativamente complicado pensarmos que cada vez mais os jovens vêm entrando em um estado de declínio, conforme o mundo avança, pensamos nós que a tendência seria de a vida também melhorar, mas pelo contrário, muitos jovens vêm se abatendo, se sentindo incompletos. Karen Scavacini (2022) mostra que, segundo o relatório *The State of the World’s Children 2021*, do Unicef, 22% dos adolescentes brasileiros entrevistados recentemente disseram que, muitas vezes, se sentem deprimidos ou têm pouco interesse em fazer coisas.

Todavia, quando damos sequência ao documentário, vemos que a mesma aluna, Keila, diz que um detalhe mudou a sua forma de pensar, como ela mesmo relata: *“Mas como diz a professora Celsa, se eu morrer eu vou, vou sentir a dor eternamente, mesmo que eu esteja morta, mas vai ser a única, a última coisa que eu vou sentir na vida entendeu? Então vai permanecer pra sempre. Então não dá mais... pra eu morrer”* (Keila, Pro dia nascer Feliz, 2004).

Neste ponto, nota-se que uma conversa com sua professora mudou completamente sua perspectiva de vida, a trouxe para um mundo com novas possibilidades. Ela passou a integrar a equipe responsável pelos Fanzines, ou Zines, como são popularmente conhecidos.

A professora um vetor importantíssimo na mudança de postura e de atitude, sem substituir eventual acompanhamento profissional da psicologia ou medicina, pois, nesse caso, um incentivo da professora foi o suficiente para que a aluna despertasse e saísse do seu estado; o professor é aquele que move, que serve como mediador no processo de modificação do espaço.

Deste modo, corroboramos a ideia de que a escola foi um espaço de transformação na vida desta aluna, a escola como propôs Masschelein-Simons, lugar onde, juntando todos os aspectos que eles abordam no texto, transformou por um instante a vida da aluna. Ela relata, ainda, que para escrever seus poemas, precisa estar triste, ou com raiva, e após uma análise sobre essa fala, concluímos que esses sentimentos fazem com que ela se volte para si mesma, questione o que está acontecendo com sua vida ou com o mundo a sua volta, dão a ela um momento de reflexão, e daí ela consegue expressar o que está sentindo. Quando ela está neutra, ou seja, sem grandes emoções, é o mesmo que estar conformada, sem se colocar para pensar, como não tem nada que a tire do eixo, simplesmente segue a vida sem se preocupar em refletir. O que concluímos com esse trecho é que os sentimentos mais aflorados trazem para ela um estado de reflexão, e o sentimento neutro, a coloca em um estado de conformidade.

Mais adiante, precisamente um ano depois, após ela concluir o Ensino Médio, Keila, já inserida no mercado de trabalho, relata as mudanças que ocorreram em sua vida, em suas palavras: *“Acho que estou um pouco acomodada. Eu não tenho momentos assim, proporcionais, para sentir alguma coisa de crítica, sabe? Eu gostava de escrever muito para criticar as coisas, hoje em dia eu não consigo tanto assim. Falta alguma coisa pra mim, e eu não sei o que é.”*

O entrevistador questiona o que ela acha que falta, se ela tem alguma ideia do que pode ser, e a resposta foi a melhor possível: *“Eu gostava da escola, acho que os amigos, que depois da escola a gente se afastou um pouco. Hoje em dia eu não converso tanto assim, é só do trabalho pra casa e da casa pro trabalho. Muda um pouco.”*

Com essa fala, fica ainda mais nítido que a escola, proporciona, sim, um espaço completamente diferente de todos os outros. Na escola, ela possuía o tempo *Skholé*, era contemplada pela suspensão, tinha acesso a várias informações, e podia questionar tudo sem que nada fosse considerado um tabu.

Já quando sai para o mercado de trabalho, tudo isso é tomado dela, ela perde o seu tempo para o pensamento crítico, não consegue mais se dedicar a escrever os seus poemas, pois a rotina do mundo capitalista engole esses sonhos, e mata completamente toda esperança que outrora havido sido resgatada pela sua professora. A professora, nesse caso, teve um papel muito parecido com a visão do professor ideal, que é trazida pelos autores Masschelein e Simons, em seu livro, a partir do relato do ex-aluno e escritor Pennac (2010):

Os nossos 'maus alunos', aqueles programados para não se tornarem nada, nunca vêm para a escola sozinhos. O que entra na sala de aula é uma cebola: várias camadas de desgostos da escola – medo, preocupação, amargura, raiva, insatisfação, renúncia furiosa – embrulhadas em torno de um passado vergonhoso, um presente sinistro, um futuro condenado. Olha, lá vêm eles, os seus corpos em processo de formação e suas famílias nas suas mochilas. A aula não pode realmente começar até que a carga tenha sido colocada no chão e a cebola descascada. É difícil de explicar, mas apenas um olhar, uma observação gentil, uma palavra clara e firme de um adulto atencioso, muitas vezes, é o suficiente para dissolver esses desgostos, clarear essas mentes e colocar essas crianças, confortavelmente, no presente do indicativo. Naturalmente, os benefícios são temporários; a cebola assentará de volta suas camadas fora da sala de aula, e nós teremos que começar tudo de novo amanhã. Mas é isso que é o ensino: começar de novo e de novo até alcançar o momento crítico em que o professor pode desaparecer (PENNAC, 2010, p. 50-51).

Talvez não de forma literal, mas a profa. Celsa iniciou um processo de trazer o aluno para o mundo dentro da sala de aula, quando incentivou a aluna Keila a fazer parte de um grupo de escrita de poemas e textos, pois nesse momento estava preparando um terreno onde se pudesse construir uma base sólida para o ensino aprendizagem, e para quem sabe, poder criar nessa aluna um desejo de se manter dentro do sistema educacional, e seguir seu gosto pela literatura. Porém, como citado no início deste trabalho, as diferenças existentes dentro do sistema educacional são assustadoras. Por mais que a escola ofereça um espaço de igualdade, fora dela os alunos ainda enfrentam a dura realidade da vida real. Onde a sobrevivência muitas vezes fala mais alto do que o conhecimento e a educação. Sobrevivência que leva à alienação e não à emancipação, como apontado anteriormente.

4 Conclusão

Como dito, as diferenças entre os tipos de ensino no nosso país ainda são alarmantes, e isso efetivamente ainda é um dos fatores que mais contribuem para sua elitização e academicismo. Hoje, os alunos das classes mais baixas ainda enfrentam situações para efetivar sua permanência, que muitas vezes os deixam em situações muito difíceis, e diversos alunos oriundos da classe popular não conseguem priorizar a educação, acabando por deixar a escola de lado, e alguns até mesmo a abandonam por completo. Os alunos que conseguem se manter se desmotivam devido a aulas tradicionais pouco atrativas e que pouco se identificam com suas realidades. Assim, políticas públicas significativas ainda devem ser implementadas para que nas escolas públicas os estudantes possam afirmar com alegria: “Pro dia nascer feliz”.

5 Referências

BRASIL, Ministério da Educação (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF.

D'AMBRÓSIO, U. **Da Realidade à ação**: reflexões sobre educação matemática. Campinas: Unicamp, 1986.

FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutivo**: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social e capitalista. 3.ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1989.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em Defesa da Escola**: uma questão pública. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. 112 p.

NASCIMENTO, M. N. M. (2007). Ensino Médio No Brasil: Determinações Históricas. **Publ. UEPG Ci. Hum., Ci. Soc. Apl., Ling., Letras e Artes**, Ponta Grossa, 15 (1) 77-87, jun. 2007.

PEREIRA, Rodrigo da Silva; MELLO, Micaela Balsamo de; SANTOS, Catarina Cerqueira de Freitas. Dualidade Estrutural e o Ensino Médio no Brasil. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**, Bahia, v. 7, p. 267-285, 24 out. 2020.

SCAVACINI, K. **Depressão na adolescência**: precisamos falar mais sobre ela. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/coluna/com-a-palavra/depressao-na-adolescencia-precisamos-falar-mais-sobre-ela/>>. Acesso em: 11 ago. 2022. acesso em: 11 maio 2021.